

EDITORIAL

Encontrar – Ato primeiro –
O segundo é perder –
O terceiro a Expedição
Em busca do Velo de Ouro –

O quarto, não descobri-lo –
O quinto, não ter marujos –
E enfim, nenhum Velo de Ouro –
Pois que é mentira Jasão.
Emily Dickinson

O Difere – Grupo de Pesquisa Diferença e Educação - apresenta a Revista Artíficios.

Artíficios não designa o objeto revista, mas alguma coisa que irradia “um pequeno chuveiro de chispas para dentro de cada partícula do corpo, para cada ponta de dedo” (MANSFIELD, 1991, p. 17) dos diferendos; alguma coisa que quer escapar produzindo algo que não se assemelha a nenhum de nós, mas que ao mesmo tempo nos aproxima na produção de agregados sensíveis.

Nossas intenções mais elegantes voltam-se para margear o texto educacional, a partir do exercício vacilante em torno de novas imagens do pensamento propostas pelas Filosofias da Diferença, experimentando seus efeitos nos estudos, pesquisas e debates efetuados neste campo. Nosso desejo arguto seria experimentar formas de tornarmo-nos, e a outros, imperceptíveis. Nos rastros deleuzianos, sonhamos ser traidores, embora sejamos talvez, ainda, pequenos trapaceiros.

Neste primeiro número, jogamos com a produção de pesquisadores, professores e estudantes de cursos de pós-graduação em educação, que se colocam em movimentos “entre” e “fora” das filosofias da diferença.

Com o desejo de criar, experimentar e inventar por meio da ênfase na interseção entre Diferença e Educação, é que pensamos, com Paola Zordan, a escrita como arte, por meio da fragmentação, da destruição e da recomposição de suas partes desconexas vividas nas salas de aula da Universidade; ficamos atentos ao diálogo apresentado por Deniz Nicolay, entre Teofrasto e Didáscalo, personagens que tratam do aprender, do ensinar e do que ensinar. Na companhia de Gilcilene Dias da Costa, presenciamos suas intrigas com Nietzsche, Artaud, Deleuze, Oswald

adjetivados como malditos, com a finalidade de problematizar a morbidez do ensinar-aprender conhecimentos apáticos e propor uma *educação antropofágica*. Com argumentos do pensamento pós-nietzschiano da diferença, Cristiano Bedin pede para entrar tratando da escrita de vida, afirmando, por meio da noção de biografema, que a pesquisa em educação é uma biografemática, ou a escreitura de uma vida traçada no texto, sua expressão. Encerrando este momento do diálogo, Hermínio Tavares Sousa dos Santos analisa a surdez na perspectiva da diferença e da educação, por meio de discursos hegemônicos sobre a diferença, e do processo de produção de identidades da surdez, com a proposta e a prática da inclusão escolar.

O diálogo continua na segunda sessão, que mantém, em certa medida, o foco na diferença, trazendo para o debate outros marcadores e ambientes culturais, como o espaço prisional, o gênero, o racismo e o adolescente sob medidas socioeducativas. O primeiro, tecido a quatro mãos, por Arlei Peripolli, Silvio Carlos dos Santos, Bruna de Assunção Medeiros e Soaraia Napoleão Freitas; em seguida, Joyce Otânia Seixas Ribeiro, João Paulo da Conceição Alves e Regina Fernandes Monteiro, respectivamente.

Mesmo mantendo o formato editorial de revista acadêmica, nossa intenção de *pensar e fazer a diferença* nos levou a criar um espaço para outras escrituras, outras experiências ainda por vir, como a de Josenilda Maués, Gilson Rocha, Doriedson Rodrigues e Rita Melém. A entrevista, com o Prof. Ernani Chaves, por Tânia Sarmiento-Pantoja, mostra como este estudioso de Michel Foucault vê a Filosofia e a Educação.

A experiência aqui se coloca em sua marca iniciática. Sem marujos e nenhum Velo de Ouro para alcançar.

Belém, 22 de junho de 2011.

Conselho Editorial